



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O PAPEL E A IMPRENSA

Sabemos perfeitamente que a vida dos jornais corre difícil. A maior dificuldade que asseberba a imprensa é, sem dúvida, o encarecimento do papel. Além da compra do papel os jornais tem ainda outras despesas, como, por exemplo, as férias dos tipógrafos e os ordenados da redacção. Os jornais custavam outrora dez réis e estavam actualmente cinco centavos. Aumentaram portanto de preço na proporção de 400 por cento. As despesas com a tipografia e redacção não aumentaram com corteza numa proporção superior a esta. A um redactor que ganhava antes da guerra 50\$000, pagava-se agora 150\$000, raramente mais, frequentemente menos. Os ordenados dos revisores não subiram em nenhum caso na proporção em que subiu o custo do jornal impresso. Além disso, os jornais trazem agora um menor número de páginas, o da redacção do pessoal. Verifica-se, pois, que os aumentos efectuados nos ordenados e férias se equilibram perfeitamente com a subida de custo dos jornais. Já com o papel muda o caso inteiramente de figura. O aumento sofrido por este produto excede tudo quanto possa imaginar-se. A pasta importada entra numa percentagem insignificante na composição do papel de impressão. Os salários recebidos pelos operários papelleiros são simplesmente miseráveis. Contudo o papel subiu na louca percentagem de dois mil e quinhentos por cento. Porquê? Porque a especulação se exerceu desenfreadamente com o negócio do papel, porque se meteram a comprá-lo, a vendê-lo e a assambarcá-lo criaturas que hoje possuem fortunas fabulosas, adquiridas rapidamente por meio das suas habilidosas manobras. Por seu turno, os governos deixaram correr o marfim, deixaram subsistir uma protecção pautal que não tem justificação, e o papel foi subindo quasi diariamente até chegar ao bonito preço em que hoje está. Esta portanto provado que o encarecimento do papel é a causa primária das dificuldades em que hoje se vê a imprensa. Ora já por várias vezes os organismos operários filiados na Federação do Livro e do Jornal tem empenhado esforços no sentido de atenuar esta crise que a tantos afecta. Bem via a F. L. J., que o encarecimento constante do papel poderia aniquilar as indústrias que do papel necessitam, atingindo do mesmo passo operários e patrões. Ainda antes da guerra, em 1913-14, se constituíram, a instâncias das associações dos compositores e impressores tipográficos de Lisboa, uma comissão operário-patronal, com o encargo de estudar as condições da indústria tipográfica em Portugal, reclamando do governo um conjunto de medidas capazes de tornar mais fácil a publicação de livros e jornais. A parte patronal, esfriado o entusiasmo dos primeiros momentos, desinteressou-se por completo do assunto. Foram realizadas as suas conferências, no intuito de chamar para a questão as atenções do assalariado e industrial. Dessas suas conferências, cinco foram efectuadas por operários. Depois os industriais deixaram de aparecer, e o trabalho, suspenso a meio caminho, resultou em pura perda. Mais tarde, em 1917, se não estamos em erro, um novo acordo se estabeleceu entre patrões e operários para tratar da questão do papel. Formulou-se um certo número de reclamações que foram entregues ao governo. Este desatendeu-as em absoluto, como é costume. Uma assembleia magna, efectuada na Associação dos Compositores, chegou a votar a greve geral em princípio se a indifferença do governo por tam importante questão se mantivesse. Mas eis que alguns patrões manifestam a sua discordância perante esta resolução. Em conclusão, a greve não se deu, nenhuma medida foram adoptadas pelo governo para acudir à crise, e os negociantes do papel, que aumentaram em número, foram enchendo as burras e agravando indústrias que aliás nunca estiveram em situação próspera. O que se prova com tudo isto é que os operários se preocuparam sempre com o assunto, e alguma coisa se teria feito em tempo próprio se os seus esforços houvessem sido secundados pela parte patronal. Pois as empresas jornalísticas, para justificar a recusa em acceder as reclamações que agora lhes foram presentes, alegam a carosidade do papel num tom que parece indicar serem os operários os responsáveis. Ao apresentarem as suas reclamações, os assalariados dos jornais sabiam bem que muitos diários atravessavam uma situação difícil. Mas sabiam ainda melhor que lhes era impossível viver com a paga que vinham recebendo. Os operários já trabalharam e estão dispostos a trabalhar para melhorar a situação da imprensa. Já trabalharam e estão dispostos a trabalhar para modificar a situação económica do país e por um dique ao encarecimento da vida. O que não estão dispostos a trabalhar para morrer de fome. Reclamam aquilo que lhes é estritamente necessário para se manterem e aos seus. As empresas jornalísticas fundaram-se, na sua maioria, para defesa duma determinada corrente política ou de determinados interesses financeiros. Esses políticos e esses financeiros que desembolsem o excesso, pois não lhes é legítimo conservar os seus órgãos à custa da fome dos que neles trabalham. De resto, se o papel, chegou a este preço impossibilitante, se as condições da imprensa se dificultaram desta assombrosa maneira, as empresas só toem que agradecer isso a esses mesmos políticos e financeiros, causadores ou cúmplices de todas as desgraças que nos affligem. P. C.

seu por completo do assunto. Foram realizadas as suas conferências, no intuito de chamar para a questão as atenções do assalariado e industrial. Dessas suas conferências, cinco foram efectuadas por operários. Depois os industriais deixaram de aparecer, e o trabalho, suspenso a meio caminho, resultou em pura perda. Mais tarde, em 1917, se não estamos em erro, um novo acordo se estabeleceu entre patrões e operários para tratar da questão do papel. Formulou-se um certo número de reclamações que foram entregues ao governo. Este desatendeu-as em absoluto, como é costume. Uma assembleia magna, efectuada na Associação dos Compositores, chegou a votar a greve geral em princípio se a indifferença do governo por tam importante questão se mantivesse. Mas eis que alguns patrões manifestam a sua discordância perante esta resolução. Em conclusão, a greve não se deu, nenhuma medida foram adoptadas pelo governo para acudir à crise, e os negociantes do papel, que aumentaram em número, foram enchendo as burras e agravando indústrias que aliás nunca estiveram em situação próspera. O que se prova com tudo isto é que os operários se preocuparam sempre com o assunto, e alguma coisa se teria feito em tempo próprio se os seus esforços houvessem sido secundados pela parte patronal. Pois as empresas jornalísticas, para justificar a recusa em acceder as reclamações que agora lhes foram presentes, alegam a carosidade do papel num tom que parece indicar serem os operários os responsáveis. Ao apresentarem as suas reclamações, os assalariados dos jornais sabiam bem que muitos diários atravessavam uma situação difícil. Mas sabiam ainda melhor que lhes era impossível viver com a paga que vinham recebendo. Os operários já trabalharam e estão dispostos a trabalhar para melhorar a situação da imprensa. Já trabalharam e estão dispostos a trabalhar para modificar a situação económica do país e por um dique ao encarecimento da vida. O que não estão dispostos a trabalhar para morrer de fome. Reclamam aquilo que lhes é estritamente necessário para se manterem e aos seus. As empresas jornalísticas fundaram-se, na sua maioria, para defesa duma determinada corrente política ou de determinados interesses financeiros. Esses políticos e esses financeiros que desembolsem o excesso, pois não lhes é legítimo conservar os seus órgãos à custa da fome dos que neles trabalham. De resto, se o papel, chegou a este preço impossibilitante, se as condições da imprensa se dificultaram desta assombrosa maneira, as empresas só toem que agradecer isso a esses mesmos políticos e financeiros, causadores ou cúmplices de todas as desgraças que nos affligem. P. C.

Pobres "forças vivas"!

Se eu lhes disser que há forças vivas famintas, rotas e friorentas, talvez me não acreditem. No entanto, o facto é absolutamente verdadeiro. Não me refiro, é claro, a aquelas forças vivas que a viva força querem passar por miseráveis, párias, sem airm nem beira, embora possam, nos cofres fortes e nos bancos da rua dos Capelães fortunas imensas que lhes tornam o viver facilissimo. Não, as forças vivas a que vou referir-me não tem loja de fazendas nem mercaria, nem taberna sebenta, nem carvoaria imunda. No entanto entregam-se ao comércio, à industria e à arte. Os seus artigos são geralmente vendidos nas artérias mais cheias da capital. A rua Garrett, a rua do Carmo ou a do Ouro são os seus pontos característicos. Esses artigos que chegam, por vezes, a interessar meia cidade não se reduzem a simples produtos da industria, não. Uma boa parte de imaginação artistica contribui para torna-los agradáveis, para entusiasmar a multidão. Não há muito tempo que o cumprimento-todos fez rir Lisboa inteira. O cumprimento-todos era uma figurinha ridicula, entalada numa sobrecasca mal-feita, grandes bigodes brancos, e que movida por um cordel, comprimentava o transeunte, mostrando uma calva respectiva. O bonzinho não era um modelo de perfeição, mas, nas suas linhas gerais, possuía o bastante para que se evocassem, rindo, o sr. Bernardino Machado na sua extenuante tarefa de saúdar. Comprimento-todos, num passe de mão, onde os intelectuais, em regra pessimistas e neurasténicos, perdiam o hábito de trocar, foi durante certo tempo a máxima expressão da alegria, da ironia e da troça nacionalista. Essa ironia, essa troça pariam de hómens cuja vida de miséria não inspira alegria, esse bom humor nacional provia das mais baixas camadas sociais, dos negociantes miseráveis, das forças vivas famintas que vendem pelas esquinas as arrolas para chaves e o papel Aradão. Estes negociantes ramalhados, estas forças vivas sem báculo ainda sabem rir. Conservam, a despeito da fome, pouco animadora, e da sua educação artistica, recebida na lere vadagem pelas viciadas, uma sensibilidade equilibrada, um instintivo senso critico, de onde resuma graça e alegria, onde se reflecte talvez a clareza forte do sol que os queima e a saúde inalterável que a vagabundagem dá. Quem não conhece o célebre Pipi Pipi? Um passaro de barro cru ornamentado de pintaladas e de papelleo, preso por elástico fraco, que o faz saltar e voar, e ai temos um pipi encantador, capaz de povoar os sonhos de Néné com as mais sedutoras imagens. Quando as mães, arrastando Néné pela miúda minúscula, passavam junto do vendedor de pipis, já sabiam que o pequenino chorava, reclamando um desses bonecos rudes para brincar. Se Néné não chorava o vendedor, de faces sujas, que lábios um sorriso largo de gratificação, exclamava: - Chore mais, que a mamã compra o pipi! - E o menino chorava, por vezes, com acompanhamento de acções nas nádegas rechunchudas. Estes artigos da rua toem um conhecimento perfeito dos gostos populares. Sabem que o povo ama a variedade acima da quantidade, e não se cansam de inventar. Os bonecos mais bizarros, representando passaros e gatos, macacos de rabo de arame e estalutas de plumagem berrante, papalões e respectiva galola, lagartos verdes pintados de amarelo, bull-dogs de focho amachucado, pilhacos e bailarinas, apitos e leques, ventarolas e espelhos de algeibra, tudo aquela gente desculpa, constrói, pinta, funde e modela, revelando ao mesmo tempo qualidades admiráveis, de pintor, desenhador, illustrador e escultor. Não possuem apenas o espirito inventivo; também sabem especular com situações. Um acalando da politica, uma individualidade célebre, uma gricola de revista, aparecem, não sei como, repentinamente transformados num boneco, que pula, gesticula, salta ou faz cómicos trejeitos com o auxilio de arames fio. O ferro-bate-malho encontrou a sua origem numa revista, pornográfica o comprimento-todos, num politico ridiculo; e quem sabe lá se as propostas de finanças não surgirão amanhã transtunadas em alguma figurinha intolensiva como as meninas Pires enfeitam a salta banal? A arte das ruas, por vezes, mais valor do que esse que nos vimos ai pelas Bobones e salões, moldurada a ouro. Não é simples arte pela arte. Revela sempre qualquer coisa mais encontrada: o espirito, a ironia, a critica, a ironia, a vida. Esses artistas abandonados, rotos, que desmocham os olhos de jornal, o monótono e as luvas, são, para mim, valores que se perdem, energias que, aproveitadas, produziriam maravilhas. Não terio perleções de técnica que espantem, nem salões próprios para expor, mas, tem a sua larga, onde arrastam a admiração - a unica talvés, combatida... Mário DOMINGUES

NÃO APOIADO!

LOCUTORIO DUM INSURECTO
Por uma singular anomalia se convencionei chamar ao bacalhau «o fiel amigo». Eu vivo-o sempre por um inevitável inimigo. Nas casas pobres e nos restaurantes baratos o bacalhau é o prato mais fácil, às vezes a única comida acessível para os bolsos parcos. Cozem bacalhau todos os dias aqueles cujas posses não alcançam peíscio superior. Não há nada de recomendável, no enfiadinho peixe. Ao tacto é sujo ao paladar é salgado, à vista é desagradável, ao olfacto é nauseabundo. Todavia, o bacalhau é um dos produtos alimentares que mais consumo toem. Adquirem-no em abundância as donas de casa e cotidianamente o ministro, de manhã e à noite, aos que se lhe sentam em redor da mesa. Mas eu vejo que o bacalhau é intimamente odiado por todos os pobres. Descamisado que se apanhe, num dia excepcional, de bólo mórno, ou porque lhe salise a sorte grande, ou porque um parente longuquo lhe houvesse legado dois pacotes, logo do bacalhau a 7 pês e come então os pratos deíficos, os frutos proibidos, de que os ricos andam fartos e enjoados mas que os pobres conhecem apenas intuitivamente, pelos aromas que se desprendem das cozinhas dos hotéis. Os trabalhadores, porém, estando sujeitos a trabalhos forçados, estão também sujeitos a um alimento forçado, que é o bacalhau. Este peçaco seco é a providência para os famintos. Na mesma situação estão as casas de penhores. Os pobres recorrem aos penhoristas como recorrem ao bacalhau - coagidos pelas circunstâncias da sua vida miserável. Mas eu não quero fazer aqui a minuciosa análise dos vários predicados negativos que ao bacalhau se podem justamente attribuir. Quero apenas lembrar-lhes as litoras a grata notícia que ontem nos foi dada pela Imprensa de Lisboa. Diz este jornal amigo que uma baixa no custo da vida se avizinha. O primeiro produto a baratear será - já vocês adivinharam - o bacalhau. Será demasiado pessimismo, será; mas eu creio que os foguetes são prematuros. Tam habituado estou a ver subir, subir sempre, o custo da vida, que já não posso acreditar em baixas sem ter cuidadosamente, como S. Tomé, verificado o inacreditável fenómeno sob a forma dum saldo metálico que venha finalmente amachucar o coltão farto, em fossilização nas algeibras do meu colete. Cumprir dizer que esta baixa no custo do bacalhau só se effectuará, no dizer da Imprensa de Lisboa, se cada um de nós se abster de consumir o desenhado peixe. Dejejar estou eu e muitos como eu de dar de mão ao bacalhau. Mas justaremos nós em condições de permitir-nos tam dispêndosa amnistia? Bem desejaríamos todos uma temporada alimentar obrigada a pitêus de fina escolha, mas, si de mim, o bacalhau é realmente um inimigo inevitável a cuja perseguição não podemos subtraí-los. E, depois, a baixa do bacalhau, dado que se produz, o que se me affigura ainda duvidoso, modificará de modo apreciável as miseráveis condições da nossa existência? E' que tudo o mais sobe, prestados amigos da Imprensa de Lisboa. Desde que apresentámos as nossas reclamações subiu a carne de porco e de vaca, subiram alguns tecidos, subiu ainda ontem o alcohol desnatado das drogarias. Só uma coisa descei, graças ao Senhor: foi a temperatura. Vaíha-no isso, a ver se no meio de tantas desgraças conservamos o sangue frio... Profeta Carvalho

A figura máxima do Teatro Português

D. João da Câmara
O teatro, fundado em Portugal pelo génio de Gil Vicente em 1502, foi robustecido através dos séculos por Ferreira, com a Castro - a única tragédia portuguesa - pelos autos de Camões, pelas comédias de D. Francisco Manuel e pelas farças de António José. Arrastou uma vida raquítica a arte teatral portuguesa desde que o engenho de mestre Gil lançou a semente com os seus autos satíricos no terreno salgado da mentalidade portuguesa até ao auto de fé onde pereceu o infortunado Ju. deu. Portugal nunca fôra propício à revelação e ao triunfo de dramaturgos. Enquanto a Inglaterra asombrou o mundo com o génio de Shakespeare; enquanto a França aplaudia Molière e a Hespanha festejava a trindade gloriosa composta por Tirso de Molina, Lope de Vega e Calderon de la Barca, nós não acusávamos mais que tentativas, como bruxuleos de uma luz que, por falta de combustível, está prestes a extinguir-se. Bem, porém, a fase construtiva dos primeiros anos do constitucionalismo e o teatro português parece assentar definitivamente, com as reformas e os dramas de Garrett, em bases sólidas e perduráveis. O instituidor do teatro nacional e do conservatório fôra o primeiro dramaturgo português, aquele que dera teatralidade às suas peças, o que numa visão de predestinado compreendeu o alcance, a importância do teatro sobre a educação popular. Porém, o novo ciclo teatral, tam suspiciosamente iniciado pelo autor do Frei Luis de Sousa, parecia interrompido e o teatro português parecia perdido. A incapacidade teatral dos escritores portugueses acentuava-se e a contradição, apesar da protecção que o Estado dispensava a este género de literatura, só mais tarde, morto o fundador do teatro D. Maria, é que apareceram Mendes Leal, Costa Cascaes, António Enes e Pinheiro Chagas, que nos legaram, entre futilidades vãs, peças de real valor, como a Morgandinha e Os Lazaristas. A contrastar com a ausência de dramaturgos houve sempre alguns intérpretes de valor, como Emilia de Nove, Tasso, Rosa, e muitos outros. Neste deffinhamento decadente viveu largo anos o teatro português, até que, com a exploração do teatro do Rossio pela sociedade Rosas e Brazão, apareceram novos dramaturgos, de entre os quais se destacava, como figura gloriosa, a técnica prometedora de D. João da Câmara. Foi este dramaturgo, com efeito, o maior de entre aqueles que levaram o teatro português a uma altura que até aí não havia atingido. Estava então em voga o teatro histórico, que o génio de Garrett havia propulsado. As personagens mais gloriosas da história pátria viviam no tablado evocadas pela técnica dos dramaturgos e encarnadas pelos actores mais ilustres. D. João da Câmara deixou-se influenciar pela tendência da época. Todavia, notava-se no seu teatro uma acentuada diferença, uma lógica e verdade científica que o impunham, deixando-se perceber na sua técnica o mestre que havia de nos dar as melhores peças da literatura teatral portuguesa. Ele não se limitava a evocar em tiradas empoladas, como exortações de conquistador medieval, as figuras dos nossos maiores patriotas, as figuras dos nossos maiores heróis, os libertadores do monarca, a contrastar com o vigor másculo, com a consciencia forte do ministro. No «Acacer Kibir», descreve-nos a dramaturgo o desalento que invadira as almas depois da derrota dos arcaes de Marrocos: «E' todo o espirito abatido de uma nacionalidade que se reflecte nas scenas culminantes dessa peça que por vezes atinge a sublimidade patética da tragédia. Mais que uma lição de história, D. João da Câmara transforma as suas peças em análises psicológicas da época em que a acção se desenrola. O dramaturgo tinha da história nacional uma concepção elevada. Em sua opinião não nos precisamos saber apenas os factos mais notáveis de certas figuras relevantes, mas queremos compreender o ambiente que preparou o inspirou os seus feitos gloriosos. Foi este o valor de D. João da Câmara. No «Regente», Marcelino valoriza as figuras já de si simpáticas do conde de Abranches e do infante D. Pedro; mas nada nos diz do espirito da época em que elas viveram - como se essas duas figuras por si só sintetisassem todas as aspirações da nacionalidade. O drama do autor da «Dor Suprema» vive mais das tiradas patrióticas, do redigido arrebatar do das platéias que da naturalidade scélica - as contrários do dramas históricos de D. João da Câmara, que vivem pela sobriedade de processos e pela expressão teatral, sem convencionalismos, e a natureza da sua obra, sem preparação e sem... «O irmão do conde» não fazia versos, como auto, e a «tanta» diziam desdenhosamente os isaltes que frequentavam os salões aristocráticos, foi, além de um grande evocador de épocas e figuras de antanho, o maior criador de personagens que o teatro português possui. Se ele se desatocou dos seus contemporâneos na factura do drama histórico, foi, porém, nas peças de carácter psicológico e regional onde se afirmou todo o seu poder criador, as suas prodigiosas faculdades de dramaturgo e de inovador. Passaram em claro nesta análise da sua obra a colaboração que ele deu nas farças líricas a Gervásio Lobato e a «Rosa Enfeitada» - peça inferior aos seus méritos, mas onde se revelou todavia a bondade extrema da sua alma pura de justo - e ocupar-me hei de «Os Velhos», a «Triste Vivuinha», peças de acentuado cunho regional, o «Pistano» e «Meia Noite», peças modernas, peças de ideas, feitas sob a influencia dos dramaturgos nórdicos e do simbolismo nebuloso de Maeterlinck. Jesus PEIXOTO

A greve dos Trabalhadores dos Jornais

O novo diário dos grevistas
Confirmando a notícia que demos do apreçamento, no principio da semana próxima, de um novo diário da tarde, redigido e composto por grevistas, pedimos adiantar hoje que o novo periódico, independente de quaisquer grupos políticos ou financeiros e sem pretensões a ser órgão de qualquer corrente de opinião, se esforçará por contribuir para elevar moral e intellectualmente a sociedade portuguesa chamando a atenção do público para os momentos problemáticos que agitam todos os povos, fazendo-o pensar e raciocinar sobre eles. Os interesses das classes médias, por suas próprias razões, não se contentam com a defesa das suas colunas, e as questões literárias, artisticas, pedagogicas, morais e económicas serão cuidadas com desvelado interesse, para isso contando os redactores do novo periódico com a colaboração, já assegurada, dos nossos melhores escritores, artistas, educadores e sociólogos. Aos grevistas gráficos
Os gráficos grevistas que necessitem de receber subsídio devem inscrever-se hoje, para esse efeito, nas respectivas listas, que se encontram no gabinete da Associação dos Compositores Tipográficos, das 15 às 17 horas. Uma hora antes devem comparecer no local os delegados dos quadros dos jornais para prestarem informações. O apoio da classe operária
A Associação dos Costeieiros e Criados Portugueses de Navegação Estrangeira, em sua reunião de ontem, manifestou o seu voto de que o movimento dos trabalhadores dos jornais seja co-ordenado de bom éxito. Partido Comunista Português
Reuniu ontem a comissão organizadora das bases do programa do Partido Comunista Português, que resolveu convocar uma assembleia magna dos membros fundadores do mesmo partido para depois de amanhã, pelas 13 horas, na sede da Associação dos Empregados de Escripório, rua da Madalena, 225, 1.º. Nesta reunião serão apresentados e discutidos os trabalhos realizados pela referida comissão, devendo ser eleitos também os corpos directivos do partido. Pela referida comissão são convidadas a assistir todos os camaradas comungantes no comunismo, bem como os representantes da Imprensa.

Actos indignos

Acha bem o presidente do ministério?
Conforme dizemos noutra lugar, effectou-se ontem, no tribunal de defesa social, instalado agora no quartel da guarda republicana, a Campolide, o julgamento de dois jovens operários, acusados de terem tentado contra a vida dum agente de policia. Até aqui, estará bem se quizerem. O que, porém, não está conforme é que as pessoas que as audiências desse tribunal desejem assistir tenham que sujeitar-se a ser apalpada pelas mãos pouco limpas de certos sujeitos que para ali são enviados, conforme succedeu ontem, parecendo-nos que seria preferível fazer o espectáculo a porta fechada, se o que se pretende atingir apalmando os indivíduos que ali se dirigem é isso precisamente. Mas actos mais repugnantes há a registar. Foram ali agredidos, por criaturas que pertencem à policia de segurança do estado, vários indivíduos, um deles comerciante, que certamente não poderia ser tomado como... bolchevista. Segundo depoimentos que a esta officina nos vieram fazer várias pessoas que presenciaram os factos, José Castela, operário marceniro, que sosegadamente acompanhava a audiência, convidado a abandonar a sala por um policia da segurança do estado, foi barbaramente agredido, sem motivo plausível, por esse agente e mais dois, conhecidos pelo Almeida, o Malhado, Santos Tavares, o Rato dos Aradãos e um tal Figueiredo, salientando-se o primeiro que, segundo os nossos informadores, atacou cobardemente o rapaz, fazendo-o cair sob as rodas dum camionete. E como se isso não bastasse, foi o rapaz preso, tendo sido restituído a liberdade à noite! Coube depois a vez ao referido comerciante, que é estabelecido junto à paragem dos electricos de Campolide, tendo este sido agredido a sico por um soldado da guarda republicana, que possivelmente virá a ser louvado pelo seu grande feito. Há um terceiro individuo que foi igualmente agredido, cujo nome não conseguimos apurar. Estando também na sala, foi chamado por um dos da segurança, parece que o tal Malhado, que nos dizem ser criatura de largo fôlego. Uma vez fora da sala do tribunal, foi acompanhado por um alferes e um soldado da guarda republicana, indo ao lado o referido agente. A certa altura, o soldado, com apuramento do alferes, deu um forte muro nas costas do detido e em seguida o agente, levantando a bengala, agrediu-o brutalmente.

FEDERAÇÃO DE CALÇADO

Uma proposta interessante
Reuniu a comissão administrativa, que toem conhecimento de officios do Sindicato Unico da Industria de Calçado e Pêles do Porto, Fabricantes de Calçado do Funchal e S. U. L. C. C. e Pêles de Coimbra. Apreciosa a proposta, aprovada na última reunião do conselho, que cria um conselho técnico dentro da federação, proposta da autoria do representante do S. U. C. P. do Porto, a qual é do teor seguinte: «Considerando que as modernas lutas operárias se assinalam pela acção reconstructiva dos futuros quadros da produção, que desde já vão emancipando o trabalho e permitindo mais ampla liberdade ao trabalhador; que, entretanto, é necessário reconhecer que os detentores da riqueza se não compadecem com as modernas necessidades, antes procuram defender-se, defendendo os seus privilégios de classe e dominando, arrojados, alguns dos quadros da sua organização revolucionária por forma que desenvolvam a sua resistência, e, simultaneamente, a sua capacidade revolucionária e expropriadora, para que, precipitando-se porventura os acontecimentos sociais, presentemente em ebulição, não se seja colhido de surpresa e antes se faça face à inevitável confusão e se vença o melhor possível o imprevisto; que não estando a industria de calçado à mercê das capacidades técnicas superiores e estando-o só em parte o ramo de curtumes, nos operários cabe o trabalho de por si próprios estudar as condições da industria, seu desenvolvimento técnico e sua capacidade productiva, proponho que seja nomeado um conselho técnico, dentro da Federação, com o fim especial de estudar os meios a pôr em pratica para se conseguir o objectivo enunciado nos considerandos supra, para o que deverá pôr-se em relação directa com todos os organismos já provincia pertencentes à industria, a quem dos demais trabalhos que para o efeito for necessário realizar.»

Ferrovieiros presos

Um espectáculo de auxilio
Deve realizar-se amanhã, pelas 8 horas, no teatro da República, do Bairro, um espectáculo em benefício dos ferroviários presos e demittidos. E' promovido pela Associação de Classe dos Ferrovieiros do Sul e Sueste, devendo nele tomar parte o Grupo Taborda, de Lisboa, e o conhecido cantor da canção social, José Bacalhau. Há grande entusiasmo por este espectáculo, sendo de esperar grande concorrência.

Carregamento de batata

Entraram ontem no Tejo as chalupas francesas Iris e Reina des Mers, ambas de Ergny, com carregamentos completos de batata para Lisboa.

Actos indignos
Acha bem o presidente do ministério?
Conforme dizemos noutra lugar, effectou-se ontem, no tribunal de defesa social, instalado agora no quartel da guarda republicana, a Campolide, o julgamento de dois jovens operários, acusados de terem tentado contra a vida dum agente de policia. Até aqui, estará bem se quizerem. O que, porém, não está conforme é que as pessoas que as audiências desse tribunal desejem assistir tenham que sujeitar-se a ser apalpada pelas mãos pouco limpas de certos sujeitos que para ali são enviados, conforme succedeu ontem, parecendo-nos que seria preferível fazer o espectáculo a porta fechada, se o que se pretende atingir apalmando os indivíduos que ali se dirigem é isso precisamente. Mas actos mais repugnantes há a registar. Foram ali agredidos, por criaturas que pertencem à policia de segurança do estado, vários indivíduos, um deles comerciante, que certamente não poderia ser tomado como... bolchevista. Segundo depoimentos que a esta officina nos vieram fazer várias pessoas que presenciaram os factos, José Castela, operário marceniro, que sosegadamente acompanhava a audiência, convidado a abandonar a sala por um policia da segurança do estado, foi barbaramente agredido, sem motivo plausível, por esse agente e mais dois, conhecidos pelo Almeida, o Malhado, Santos Tavares, o Rato dos Aradãos e um tal Figueiredo, salientando-se o primeiro que, segundo os nossos informadores, atacou cobardemente o rapaz, fazendo-o cair sob as rodas dum camionete. E como se isso não bastasse, foi o rapaz preso, tendo sido restituído a liberdade à noite! Coube depois a vez ao referido comerciante, que é estabelecido junto à paragem dos electricos de Campolide, tendo este sido agredido a sico por um soldado da guarda republicana, que possivelmente virá a ser louvado pelo seu grande feito. Há um terceiro individuo que foi igualmente agredido, cujo nome não conseguimos apurar. Estando também na sala, foi chamado por um dos da segurança, parece que o tal Malhado, que nos dizem ser criatura de largo fôlego. Uma vez fora da sala do tribunal, foi acompanhado por um alferes e um soldado da guarda republicana, indo ao lado o referido agente. A certa altura, o soldado, com apuramento do alferes, deu um forte muro nas costas do detido e em seguida o agente, levantando a bengala, agrediu-o brutalmente.

Baixam os géneros em Burgos

BURGOS, 10. - Continua a baixa de géneros, vendendo-se a 73 réis o alqueire de trigo. Esta baixa ocasiona grandes perdas aos lavradores. - R. Dido.

Profeta Carvalho

Ferrovieiros presos
Um espectáculo de auxilio
Deve realizar-se amanhã, pelas 8 horas, no teatro da República, do Bairro, um espectáculo em benefício dos ferroviários presos e demittidos. E' promovido pela Associação de Classe dos Ferrovieiros do Sul e Sueste, devendo nele tomar parte o Grupo Taborda, de Lisboa, e o conhecido cantor da canção social, José Bacalhau. Há grande entusiasmo por este espectáculo, sendo de esperar grande concorrência.

Carregamento de batata

Entraram ontem no Tejo as chalupas francesas Iris e Reina des Mers, ambas de Ergny, com carregamentos completos de batata para Lisboa.

